

---

## "A NAVE ESPACIAL TERRA: PARA ONDE VAI?"\*

Sônia Furian\*\*

Vim aqui para falar de utopias - já que "não há pensamento sem utopia" (Lefebvre, 1979) e considerando que a pergunta: *A Nave Espacial Terra: Para onde Vai?* me remete para a Terra, para as comunidades que nela vivem, para o futuro. O futuro é uma projeção para fora, para diante, além do aqui-agora, que me permite, inclusive, lançar dados e construir um quadro estatístico-probabilístico do "devir". Neste sentido, qualquer previsão para o futuro ganha marcas tanto do ideal quanto do ideológico pois orientamos nosso discurso ao "se" condicional eliminando toda incondicionalidade. Em decorrência, podemos orientar nosso discurso à compreensão do "aqui-agora" - para a Terra e para as comunidades que nela vivem - acreditando que o futuro constrói-se no cotidiano, no dia-a-dia.

Esta é a minha utopia de base: a crença no poder transformador do dia-a-dia - um quase "um dia depois do outro e uma noite no meio" - a partir do qual tentarei fazer uma leitura possível do tema proposto.

Para isto, eu vou colocar a Ciência dentro da Nave Espacial Terra. Essa ciência que tem produzido conhecimentos tanto da Nave Espacial Terra como tem levantado hipóteses e dados estatísticos que indicam probabilidades catastróficas para seu futuro. Deste modo, estou tentando, quiçá utopicamente, colocar dentro do **objeto** (a Nave Espacial Terra) o

---

\*Palestra proferida no MASP-SP a convite da SBPC, 29 de setembro de 1989.

\*\* Professora do Depto de Geografia - FFLCH-USP - Membro do Comitê de Apoio aos Povos da Floresta - SP.

seu "sujeito observador" (a Ciência). Donde cabe a pergunta: "Para onde vão sujeito e objeto???"

Para responder a esta pergunta, eu apresento um problema levantado por Henri Lefebvre ao introduzir uma diferença entre *crescimento* e *desenvolvimento*. Esses conceitos têm sido confundidos e misturados pela economia, pela política, pela ideologia contemporânea tanto marxista quanto a não-marxista, têm confundido e misturado esses dois conceitos anulando suas diferenças ao afirmar que o crescimento, distinto porém inseparável do *produtivismo*, assegura o desenvolvimento.

Vejamos as diferenças colocadas por Lefebvre:

"O *crescimento* é calculável em cifras e se projeta e se 'arranja' entre interessados, uma vez que é previsto por projeção ou extrapolação de determinados dados, a partir de princípios baseados em esquemas homólogos ou análogos. Neste sentido, um crescimento que se deixou conduzir cegamente segue um *Modelo*. Os modelos de crescimento pretendem ser gerais, aplicáveis e são, por isto, coercitivos, tornando-se, geralmente, meios ou instrumentos políticos: eles se impõem!

Por sua vez, o *desenvolvimento* implica um enriquecimento, uma complexidade sem redução das relações sociais, isto é, implica a criação de formas de vida social, de valores, de idéias, de modos de vida, de estilos. Resumindo, a prática do desenvolvimento implica na distinção, na diferenciação, na construção e invenção constantes e cotidianas de *caminhos*. Logo, o *caminho se*, opõe ao *modelo*. O modelo pretende ser idêntico para todos: impõe a identidade ou o fingimento; manipula as pessoas e permite intimidá-las. O caminho não impõe: propõe: *os caminhos diferem*.

Olhando a produção científica neste século, podemos dizer que tanto a Ciência se desenvolveu quanto cresceu. Podemos dizer, inclusive, que o desenvolvimento da Ciência culminou com a chamada crise dos princípios "clássicos" de explicação, fundamentados no determinismo, no positivismo, no reducionismo e na simplificação. Como podemos dizer, parafraseando Morin, de Galileu a Einstein, de Newton a Bohr, nós perdemos o trono da segurança que colocava nosso espírito no centro do universo.

É um fato que via conhecimentos, sobretudo produzidos pelas chamadas ciências físicas ou exatas, hoje nós sabemos medir, pesar, analisar (o sol, a terra, o ar, a água, etc.) como sabemos decifrar linguagens genéticas, lançar satélites e mais, tais conhecimentos têm propiciado, igualmente, o desenvolvimento tecnológico: uso de energia atômica, engenharia genética - para citar pouquíssimos exemplos. Simultaneamente, vivemos problemas de poluição, de qualidade de vida,

de miséria: sinais iminentes de catástrofes tão globais quanto locais: camada de ozônio que se abre ali; acidentes com materiais radioativos aqui e assim por diante acolá. Parece que estamos vivendo uma *sombra* produzida pela brilhante e triunfante *luz* gerada pelos conhecimentos científicos e pelas práticas tecnológicas.

Uma certa vivência dessa sombra se manifesta como um susto pela "descoberta" de que os poderes produzidos pelas práticas científicas fogem ao controle dos cientistas e da Ciência. Neste sentido, os cientistas produzem poderes dos quais eles não possuem poder mas que contribuem para aumentai o poder de instâncias todo-poderosas. Este fato é, também, uma forma de tomada de consciência de uma situação paradoxal onde o desenvolvimento do conhecimento científico produz desconhecimento e instaura uma aceitação da ignorância e da inconsciência. Exemplos desses fatos são abundantes nos chamados "impactos ambientais" que revelam, como afirma Morin, que hoje "não se trata tanto de dominar a natureza mas de dominar o domínio da natureza" tanto a nível do saber teórico como a nível da prática.

Contudo, essa situação - aparentemente paradoxal - abre a perspectiva de que, para *conceber e compreender* esse *jogo complementar* de *luz e sombra* da produção e do consumo do conhecimento científico, faz-se necessário desmistificar a utopia ingênua que prega as alternativas entre uma ciência "boa" e uma ciência "má", entre ciência pura e tecnologia, entre ciência e política, entre ciência e ideologia. Assim, por princípio, seria salutar dispor de um pensamento capaz de conceber e compreender as ambivalências no interior da Ciência e da prática científica senão por outra, ao menos para ganhar consciência das interações entre ciência-sociedade-política ou, em síntese, conhecer o discurso científico enquanto forma de discurso ideológico.

Neste contexto, o desenvolvimento das disciplinas científicas tem gerado uma verticalização do conhecimento a partir do qual tanto a divisão do trabalho - expressa por especialistas e suas especialidades - como a divisão do conhecimento são fomentadas pelos poderes que as institucionalizam e as mantêm. Conseqüentemente, a ciência tem sofrido processos de institucionalização onde, via de regra, os *modelos* têm sido preferidos aos *caminhos*. Onde pressões tecnoburocráticas como o Estado, a indústria, o capital "não têm sido guiados pelo pressuposto espírito científico" (Morin) se é que existe um! Neste exato momento, onde culminam os chamados problemas ambientais em escalas tanto globais como locais, a chamada crise da ciência se manifesta por um extraordinário crescimento da produção e do consumo da prática científica. A ciência, via cientistas, começa a se questionar a propósito dos limites

da Ciência e dos poderes políticos e econômicos. Mas... calma lá: Cada qual no seu lugar pois, nessa Nave Espacial, cada macaco tem seu galho e cada galho o seu método(!): político faz política. Economista faz economia. Cientista faz ciência. Artista faz poema, faz arte. Eis o discurso manifestado pela ideologia do esclarecimento. Essa mesma ideologia que permite tratar o método como receita, desviando assim o problema real para um problema de método ou de meios tecnológicos.

Em outras palavras, a problemática é colocada como um problema de método à medida mesmo que se consegue abstrair do método o homem. Conseqüentemente, o método se revela como um *modelo*: o modelo que... se aplicado corretamente resolverá!!! Conseqüentemente, o método deixa de ser um caminho possível e vivemos não o *desenvolvimento* mas o crescimento da produção e do consumo do conhecimento **científico**, cujo discurso passa a realizar as tarefas da ideologia e do poder. Entretanto, esse mesmo processo tem o potencial de gerar a formação de uma nova consciência a partir do trabalho reflexivo e, portanto, crítico da prática científica, da produção e do consumo dessa prática pela sociedade.

Eu ainda quero deixar claro que eu não estou, com estas considerações, invalidando as pesquisas que têm sido realizadas para saber, por exemplo, "Para Onde Vai a Nave Espacial Terra(?)". Não estou discutindo a relevância dessas pesquisas nem de outras. O que estou tentando fazer é, simplesmente, levantar a minha primeira hipótese utópica e sem ingenuidade; isto é: a de substituir o crescimento (econômico) pelo desenvolvimento (social) da ciência... Pois, uma das conseqüências de considerar-se o método científico um modelo é a produção de conhecimentos que separam as leituras dos fenômenos físicos ou naturais das leituras dos fenômenos sociais ou humanos, ou seja, é a reprodução de uma ideologia. Ideologia que abstrai do método científico o homem - ser social e histórico - tanto quanto o método é abstraído pelo homem. Mecanismo sutil através do qual são mantidos os mitos da racionalidade e da objetividade científicas. Mecanismo sutil através do qual é gerado um homem abstrato, homogêneo (que no caso destrói a Natureza e seu equilíbrio), cuja prática social se manifesta *sem sujeito*: a tão falada "ação antrópica", estrela número um das chamadas crises ambientais ou de impactos ambientais causados pelo homem. Um homem que se quer homogêneo, com ações igualmente homogêneas numa sociedade pressuposta homogênea e sem contradições.

Entretanto, para que esse homem possa ser *sujeito* ele precisa ser, necessariamente, diferenciado. Ao ser diferenciado sua prática não pertence mais ao modelo tornando-se, portanto, um elemento revelador da não-homogeneidade da sociedade, isto é, revela caminhos.

*Portanto, minha segunda utopia:* que a ciência, em vez de realizar a tarefa ideológica da noção de crise, se aproprie do "mau funcionamento de certas partes do todo" não como acidentes perigosos ou desarranjos, mas sim como fenômenos que colocam em xeque os limites das representações racionais e objetivas que fazemos desse todo ou das partes desse todo. Se não por outra, ao menos para não contribuir com o ocultamento e falseamento de crises verdadeiras, construídas e mantidas em nossa sociedade nas relações homem-sociedade-natureza; sujeito/objeto; ética científica/ética humana. Se não por outra, ao menos para não manter a crença de que o "mapa que ela constrói do território é o próprio território", pois, parafraseando Chauí, o que está em jogo não é admitir a racionalidade do real mas a ideologia embutida naquilo que a nossa ciência entende por racionalidade.

Mas eis que os cientistas têm sido convidados para unir esforços e especialidades a fim de responder "Para Onde Vai a Nave Espacial Terra (?)"... e parece que fomos todos pegos |em nossos respectivos galhos com um único galho nas mãos. Que fazer? Juntar os galhos? Ou inventar uma crise? Que tal a crise do meio ambiente? Ou mesmo a crise dos meios para estudar o ambiente inteiro?

Para terminar, eu gostaria de fazer a minha última colocação:

Falar em desmatamento na Amazônia e das possíveis catástrofes nacionais e internacionais provocadas por essa prática - SEM SUJEITO - pode falsear o problema da diferenciação dessa área. Diferenciação esta que ocorre não apenas porque talvez ela seja a maior área de floresta tropical da Nave Espacial Terra mas sobretudo porque nela vivem grupos humanos altamente diferenciados (seringueiros, castanheiros, índios e outros) - quer pelo seu modo de produção, quer por seu modo de vida, sua cultura, enfim. Em outras palavras: nessa floresta tropical - inferno ou paraíso verde: dá no mesmo! O caos, o desconhecido cientificamente, adquire sentido se conseguimos distinguir no meio dos desmatamentos, queimadas e poluições, os conflitos, os embates, os enfrentamentos, "o combate titânico entre os poderes homogeneizantes e as capacidades diferenciais" (Lefebvre, 1979). Isto é, o combate gerado pela implantação de um modelo de crescimento e a manutenção de caminhos existentes. *Portanto, minha terceira e última utopia:* que a Ciência não contribua para ocultar esse verdadeiro combate, essa verdadeira crise, criando discursos capazes de mobilizar a sociedade pelo medo coletivo de uma catástrofe global que ameaça igualmente a todos, gerando "sentimentos de comunidade de interesses e destinos que a leva a aceitar a bandeira de salvação de uma sociedade justa, homogênea, racional e cientificamente transparente" (Chauí, 1988). Para isto, a Ciência precisaria assumir,

humildemente, que ela não pode fornecer - rigorosamente falando - nenhuma garantia para onde vai a Nave Espacial Terra - pois, somente assim, a Ciência poderia reivindicar o seu direito à diferença. Diferença a partir da qual poderia praticar o seu desenvolvimento ou não, isto é, a busca de novos caminhos onde a descoberta de novos e diferenciados centros de conhecimento não significassem perda de poder mas, simplesmente, prática revolucionária de uma transformação do homem e da sociedade. Eis aí para onde o objeto Nave Espacial Terra pode levar seu sujeito observador: para um caminho cuja prática é revolucionária e, portanto, libertadora, criativa... E depois quem poderá dizer que o Cientista não é um Artista e que a Ciência não é uma Arte? E que a Nave Espacial Terra não é um Araçá Azul, que é um segredo e que, com fé nos deuses, nós não vamos morrer tão cedo?

### **Bibliografia**

- Boletim IG - *Encontro sobre Mudanças Globais*, Publicação Especial nº 6, Instituto Geociências USP, São Paulo, 1988, 128 p.
- CHAUÍ, M . - *Cultura e Democracia*, São Paulo, Ed. Moderna, 1988. p. 15-38.
- LEFEBVRE, H. - *El Manifiesto Diferencialista*, México, Siglo Veintiuno, 1979. 129 p.
- MORIN, E. - *La Méthode {1}La Nature de La Nature*, Éditions du Seuil (Points/Sciences Humaines), Tome 1. 1977. 321 p.
- \_\_\_\_\_. *Science avec Conscience*. France, Fayard, 1982. 328 p.